

Terapia Ocupacional

Metodologia e Prática

Cap 2. Teoria de Rui Chamone

2ª Edição

Autoras

Claudia Pedral Sampaio de Sena

Terapeuta ocupacional.

Psicoterapeuta ocupacional.

Diretora e terapeuta ocupacional do Centro Ocupacional Psicopedagógico, em Salvador, Bahia. Atua no atendimento a crianças e adultos.

Especialista em Psicomotricidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Graduada em Terapia Ocupacional pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP).

Ministra cursos sobre Análise de Atividade.

Patrícia Moreira Bastos

Terapeuta ocupacional.

Psicoterapeuta ocupacional.

Terapeuta ocupacional no Hospital Especializado Mário Leal, da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia.

Pós-Graduada em Políticas de Saúde e Epidemiologia Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Especialista em Saúde Pública pela Faculdade São Camilo de Administração Hospitalar – São Paulo, SP.

Graduada em Terapia Ocupacional pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP).



lvimento). Belo Ho-

es; 1984.

isil: fundamentos e

Teoria de Rui Chamone

Influências da Teoria de Chamone

Para iniciarmos a construção desse processo de aprendizagem será necessário seguirmos, passo a passo, a construção de uma teoria que teve origem no Brasil, mais precisamente em Belo Horizonte. Essa teoria, conceituada, fundamentada e que estabelece linguagem própria, foi desenvolvida pelo professor Rui Chamone Jorge, mineiro, formado em Terapia Ocupacional pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 1969.

Com uma carreira voltada para os estudos e aprofundamentos na área, Chamone lançou seu primeiro livro em 1981, *Chance para uma Esquizofrênica*, dando margem para outras publicações que hoje norteiam esse trabalho. Em 1988, fundou o Grupo de Estudos em Terapia Ocupacional (GES.TO), com o objetivo de divulgar pesquisas e publicar textos ligados à profissão. Ao falecer, em 1995, Chamone deixou como legado a continuidade de seus estudos, consolidados até aqui com a visão mais natural do sujeito e de sua evolução no mundo por meio do fazer humano.

Em vista de tudo isso, é importante trazermos a definição do professor para o conceito padrão para saúde mental. Chamone dedicou a essa área boa parte de sua vida, embora seus estudos estivessem voltados à compreensão do objeto e à especificidade da Terapia Ocupacional. Em estudo escrito por ele em 1990, encontramos a seguinte definição:

Método de prevenção, tratamento, cura e reabilitação que aproxima o ajudador do ajudado através de ocupações livres e criativas, salientando que ele não pode ser compreendido sem se considerar as coisas que implica: material, ferramenta,

objetos concretos como problemas em si. Sendo, assim, método crítico-laborativo das relações humanas, portanto método psicoterápico.¹

A Terapia Ocupacional, nesse ponto, surge como um método, um caminho para atingir um objetivo, suficientemente bom em si e com uma abordagem técnica. O mecanismo de identificação do cliente em relação aos materiais e às ferramentas reproduz o problema em si, por meio de um senso crítico-laborativo, tendo como consequência a possibilidade do confrontar-se com ele mesmo, a partir da tomada de consciência e da transformação de si e do mundo, o que vem a ser a realização do objeto concreto.

Nesses termos, admitimos que toda atividade humana é simbólica, dotada de significações e singularidades. Entretanto, é importante falar das diferenças entre os objetos construídos no *setting* terapêutico e dos objetos de arte. Podemos dar como exemplo o pensamento de alguns estudiosos de arte que afirmam que, na arte, se busca o universal.

Hebert Read (1981),² em seus estudos sobre a arte, é enfático. Juntamente com vários autores, afirma reconhecer arte como função de educação ou como “a ciência do conhecimento sensível”. Autores e teóricos como Hegel também falam da arte como representação da verdade.

Os estudos de Chamone buscaram a compreensão da utilidade de materiais e ferramentas que apresentavam um histórico cultural artístico e o entendimento sobre a arte e a função do trabalho. De acordo com esses estudos e pesquisas, na visão de teóricos como Karl Marx (*apud* Vazquez, 1977),³ encontramos a seguinte afirmativa sobre a importância do trabalho:

O processo do trabalho é:

[...] atividade deliberada [...] para a adaptação das substâncias naturais aos desejos humanos; é a condição geral necessária para que se efetue um intercâmbio entre homem e natureza; é a condição permanente imposta pela natureza à vida humana e, por conseguinte, independe das formas da vida social, ou melhor, é comum a todas as formas sociais.³

A partir dessa perspectiva, Chamone afirma, respaldado em seus estudos sobre as artes e sobre o trabalho, as funções e perspectivas na atividade humana que a Terapia Ocupacional utiliza como atividades livres e criativas que visam ao particular, ao singular, sem ser dado a críticas ou juízos.

Com base nisso, ele apresenta um quadro explicativo em sua publicação, *Museu Didático de Imagens Livres e Criativas*, no qual podemos visualizar bem essa comparação. Apesar de usar materiais brutos e ferramentas, sua utilidade e seus objetivos estão equidistantes em seus significados, artísticos e terapêuticos (Tabela 2.1).

O objetivo do professor Chamone é estabelecer um conteúdo científico e especificar a atividade como mobilizadora e transformadora do sujeito, sendo

Tabela 2.1 E

Sign
São expressivo
Impulso criado
Apelos intelect
Objetivo: exp
Buscam a univ
Insight público
Não se destina
psicológicas
Há maior cont

Fonte: adaptada d

assim um rec
dade de leitu

Para tanto
enriquecem s
gia o entendi
A seguir, enco
to de cada ite

Atividade

A atividade é
obras, afirma

No início c
vidade como
puramente c
um olhar dife
Entretanto, e
que modifico
desse mundo

No entant
fruto unicam
lizado pelas r
pelas nossas
por todas es
ção essencia
(*apud* Ferrari,
como de nat

si. Sendo, assim, humanas, portanto

do, um caminho uma abordagem não aos materiais um senso crítico-confrontar-se com a construção de si e do

simbólica, dotada de falar das diferenças dos objetos de estudos de arte

fático. Juntamente de educação ou ricos como Hegel

utilidade de materialístico e o entendimento desses estudos (Vazquez, 1977),³ trabalho:

ptação das substâncias condição geral ne-ribio entre homem e osta pela natureza à ende das formas das as formas sociais.³

em seus estudos na atividade humanas e criativas que uízos.

na sua publicação, podemos visualizar as ferramentas, suas icados, artísticos e

teúdo científico e do sujeito, sendo

Tabela 2.1 Estudo comparativo entre atividades artísticas e terapêuticas

Significados artísticos	Significados terapêuticos
São expressivos	São expressivos
Impulso criador selecionado	Impulso orientado pela intuição. Dirigido à sensibilidade
Apelos intelectuais e técnicos	Busca da verdade pessoal
Objetivo: exposições públicas	Objetivo: sigilo das circunstâncias geradoras do objeto
Buscam a universalidade humana	Buscam os apelos da universalidade humana
Insight público	Construção pessoal
Não se destinam a interpretações psicológicas	Configuram conflitos pessoais
Há maior contato do artista com a obra	Presta-se a interpretações psicológicas
	O objetivo sai da imediatez e é levado à consciência como um conceito para quem o fez

Fonte: adaptada de Chamone, 1977.⁴

assim um recurso terapêutico idôneo e viável na sua utilização, com possibilidade de leitura própria e eficaz.

Para tanto, Chamone criou uma série de pressupostos que acompanham e enriquecem seu pensamento. Antes de tudo, buscou na Filosofia e na Sociologia o entendimento do conceito de atividade para o homem e para o mundo. A seguir, encontramos todo esse trajeto e, posteriormente, o desmembramento de cada item referente à sua teoria.

Atividade do Ponto de Vista de Chamone

A atividade é um dos conceitos mais discutidos por Chamone, que, em suas obras, afirma ser o verdadeiro recurso terapêutico da Terapia Ocupacional.

No início deste livro, foram esclarecidas dúvidas acerca da utilização da atividade como recurso da Terapia Ocupacional. Buscou-se entender a atividade puramente como ação, desmistificando décadas de conceitos e viabilizando um olhar diferenciado para essa situação, o que não é uma coisa tão fácil. Entretanto, esse é o primeiro passo para compreender como a ação humana, que modificou e modifica o sujeito até os dias de hoje, garante que o futuro desse mundo não é, ainda, claro à luz da ciência.

No entanto, diferentemente do que aprendemos, tudo que nos cerca é fruto unicamente de nossa força de transformação, de nossas entranhas, sinalizado pelas nossas necessidades e viabilizado pelas nossas mãos. Isso mesmo, pelas nossas mãos, pois elas são nossas maiores ferramentas e responsáveis por todas essas mudanças. De acordo com Fischer (1983),⁵ "a mão é o órgão essencial da cultura, o iniciador da humanização". Por isso, Kielhofner (*apud* Ferrari, 1991),⁶ em sua teoria da ocupação humana, admite o homem como de natureza ocupacional, como um sistema aberto no qual todo seu

desenvolvimento objetiva levá-lo ao complexo sistema da ocupação, como realizador de si mesmo.

De acordo com o *Novo Dicionário Aurélio* (2000), atividade é: “qualidade de ativo; substantivo empregado como sinônimo de ocupação/trabalho; mantém o sentido original de qualidade de ativo; aquilo que se opõe a passivo”.⁷

As ocupações são vistas como uma maneira ativa de o sujeito intervir no mundo, de estar ativamente consigo e com os outros, o que torna possível, no uso de atividades livres e criativas, a consciência de si pela obra, que é o outro – ele próprio, adquirido pela atividade reflexionante do pensamento.

Todavia, como podemos identificar que as atividades são terapêuticas? Chamone responde a isso de maneira simples. Além de deixar claro o caráter transformador da atividade, esclarece que todo processo terapêutico é iniciado, vivenciado e finalizado em uma sessão terapêutica ocupacional, o que significa dizer que, em um *setting* terapêutico ocupacional, dentro de um processo triádico, materiais e ferramentas para expressão e formação dos conceitos de sua realidade individual devem estar sempre à disposição dos pacientes.

Para efeito didático, encontramos classificações diversificadas de atividades nas áreas de atuação, conhecidas com as mais variadas nomenclaturas. Contudo, todas essas atividades só são de fato realizadas com o auxílio de ferramentas e materiais próprios ao manuseio e objetivo de cada uma.

- **Atividades da vida diária (AVD):** toda e qualquer atividade que objetiva a higiene pessoal, a autoestima e o autocuidado.
- **Atividades da vida prática (AVP):** toda e qualquer atividade com finalidade prático-ocupacional, em termos de afazeres do lar e trabalhos práticos do dia a dia.
- **Atividades motoras:** relacionadas aos aspectos motores, como equilíbrio, coordenação manual, coordenação visuomanual etc.
- **Atividades cognitivas:** destinadas ao estímulo da área do aprendizado ou intelectual, para apropriação de conceitos básicos.
- **Atividades plásticas/expressivas:** voltadas aos aspectos artísticos, para o processo de expressão e criatividade.
- **Atividades profissionais:** apresentam caráter econômico e de inserção social.
- **Atividades estimulantes:** envolvem aspectos motivadores e relaxantes, intervindo nas áreas de autoestima e de mais-valia.
- **Atividades de lazer:** objetivam qualidade de vida e de autocuidados.
- **Atividades praxiterápicas/criativas:** frequentemente mal-interpretadas ou distorcidas, pois apresentam aparente conteúdo artesanal. Basicamente, apresentam conteúdo utilitário.

Todas as atividades anteriormente relacionadas/classificadas devem ser usadas em escala de atividades livres ou dirigidas, sempre seguindo o princípio transformador e reflexionante do encontro consigo mesmo. Chamone

registrou essa
Ocupacional

A seguir (F
vetor e o que
o Mecanismo
eixo Horizontal
resultando no
ser, então, tra

Figura 2.1 G
Fonte: adaptada de

Ao ultrapass
pensar e por se
do, pelas vias
em particular,
complexo de c
nessa represen

Precisament
mundo exterior
Por consequent
concretos, reco

Nesse sentid
Apesar de dire
dades para se i
ciência que po
com a razão e

A especificid
do objeto, mas

ocupação, como

de é: "qualidade
o/trabalho; man-
opõe a passivo".⁷

ujeito intervir no
e torna possível,
ela obra, que é o
o pensamento.

ção terapêuticas?
ar claro o caráter
apêutico é inicia-
upacional, o que
lento de um pro-
ração dos concei-
ção dos pacientes.
cadas de ativity-
s nomenclaturas.
com o auxílio de
cada uma.

ividade que obje-

er atividade com
do lar e trabalhos

ores, como equilí-
etc.

rea do aprendiza-
os.

spectos artísticos,

ômico e de inser-

adores e relaxan-
a.

de autocuidados.

ite mal-interpreta-
do artesanal. Basi-

icadas devem ser
e seguindo o prin-
mesmo. Chamone

registrou essas atividades no seu Gráfico do Mecanismo de Cura da Terapia Ocupacional ou vetor D, refletindo a consciência de si mesmo = falar.

A seguir (Figura 2.1), procuramos explicar o que o autor considerou como vetor e o que ele procurou equacionar como forma de esclarecimento sobre o Mecanismo de Cura da Terapia Ocupacional, fazendo uma relação entre o eixo Horizontal de Habilidades (AB) e o eixo Vertical de Possibilidades (AC), resultando no vetor D, que representa a consciência de que algo existe para ser, então, tratado.

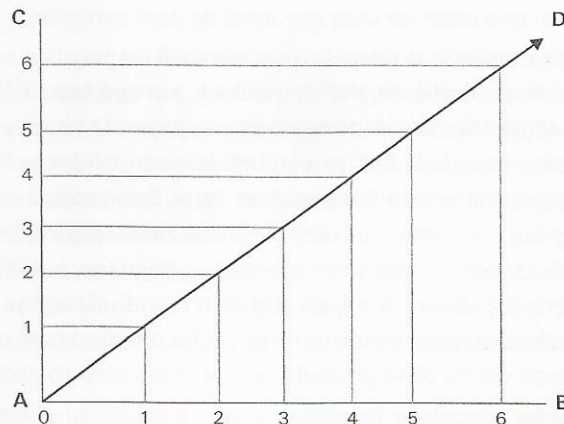


Figura 2.1 Gráfico do mecanismo de cura da Terapia Ocupacional

Fonte: adaptada de Read, 1981.²

Ao ultrapassar os limites físicos das atividades concretas, o sujeito, por pensar e por ser dotado de consciência, é capaz de criar, para si e para o mundo, pelas vias mentais. Dotado de consciência, coloca-se, de maneira geral e em particular, frente ao seu fazer, plasmado, materializado, em um contexto complexo de objetos/produtos e ações/attitudes, para si e para contemplar-se nessa representação de si mesmo.

Precisamente por ser dotado de consciência, o sujeito estabelece, com o mundo exterior, relações objetivas que o levam a transformar e modificá-lo. Por conseguinte, o sujeito imprime a marca de sua personalidade nos objetos concretos, reconhecendo-se pela capacidade reflexionante do espírito.

Nesse sentido, as atividades livres e criativas são profundamente racionais. Apesar de direcionadas, antes, à sensibilidade, oferecem ao sujeito oportunidades para se integrar interior/exteriormente e expor à contemplação a consciência que possui, pois o pensamento precisa se confrontar concretamente com a razão e a verdade.

A especificidade da atividade criativa existe não só pela existência concreta do objeto, mas também em razão de se dirigir antes à sensibilidade do que ao

pensamento. Se por espírito entendemos as relações íntimas entre a sensibilidade e o pensamento, nesses termos o modo de ser da consciência é ser em si e para si. Os objetos concretos realizados na sessão terapêutica ocupacional não podem ser entendidos como meros envelopes. De acordo com Chamone, o termo envelope significa uma atividade dirigida no sentido de encaminhada e assistida, em sua totalidade, pelo terapeuta, não sendo vista como uma realização ou ação ativa do paciente, mas apenas como uma atividade conceitual, uma atualização de imagens do pensamento no mundo das coisas.

A abordagem terapêutica ocupacional, por definição, implica e obriga o uso de atividades como condição *sine qua non* para uma intervenção terapêutica específica, que pode ser vista por meio de duas vertentes:

- **Primeira:** quando o terapeuta ocupacional diagnostica as carências de que padece seu cliente, indica materiais e o que fazer deles. É quando se privilegia a fala em detrimento da ocupação. O terapeuta indica uma atividade, quando a fala se vê cortada ou insuficiente. Nesse caso, o cliente executa o que lhe mandam fazer. Sua prática é uma atuação (*acting-in*), e o objeto concreto plasmado nessa qualidade de resposta é entendido como um mero envelope, pois permanece alheio ao conceito de quem fez. Assim, o objeto concreto e a atividade são meios, posto que o objeto interno relaciona-se de modo subjetivo com o externo, pois a ideia do cliente vê-se proibida de agir como uma totalidade.
- **Segunda:** quando o terapeuta ocupacional e seu cliente identificam as carências existentes, juntos escolhem o material e o que fazer dele. Assim, o cliente realiza a sua ideia, e o objeto plasmado se torna uma atualização do objeto interno, posto que se relaciona com o primeiro de modo objetivo. A ideia se vê autorizada e estimulada a manifestar-se na sua totalidade. Sendo a prática do cliente uma ação, a atividade e o objeto concreto são um fim em si mesmo.

Portanto, envelope (dado bruto da experiência) significa a correspondência subjetiva da representação do objeto interno com o externo, em função de ser uma simples execução da indicação do terapeuta. O conceito só se realiza de fato na correspondência objetiva do objeto interno com o externo. Essa correspondência, que chamamos de atualização (objeto mesmo da experiência), é a realização da ideia do paciente.

As atividades são propostas técnicas do terapeuta que podem ser realizadas pelo paciente com liberdade sobre materiais plásticos e ferramentas, quando este adquire consciência de si, do mundo e de suas relações.

Dessa forma, na Terapia Ocupacional o sujeito cria objetos relacionados à sensibilidade para, por meio de uma resposta motora, expressar-se, e por meio de uma resposta mental, formar-se. Simultâneas e concomitantes, essas respostas coadunam ideias na atualidade. Enquanto permanece em mim, o pensamento não passa de idealidade e, ao se dar no exterior, alcança a realidade.

Não se po
mecanismos
conhecer o m

Específic

Para entende
tos, é necess
de Chamone.

Teoria

Em um dos t
rência à nece
teoria do pro
de em relaçã
dúvidas e cor

No texto
Carolina Cou
cimento qua
Ocupacional.

O autor c
uma aborda
tura e na so
terapeuta, o
Com os mat
cretos. Encon
ser humaniza
concretude b
colocar-se di
saber de si e

O sujeito
que acredita
então, lhe pr
prol de si me

Da Mata
"a utilização
tratá-lo".⁹ A
logia** para
ne norteou

*Epistemologia:

**Ontologia: dis

***Hegel (1970-

Não se pode, portanto, entender sempre e *a priori* as atividades como mecanismos de sublimação e alívio de angústia pura e simplesmente, sem se conhecer o modo de abordagem do profissional.¹

Especificando a Teoria de Chamone

Para entendermos melhor toda essa linguagem e a relevância desses conceitos, é necessário, antes de tudo, entrarmos em contato direto com a teoria de Chamone.

Teoria

Em um dos últimos cadernos do GES.TO,⁸ algumas publicações fazem referência à necessidade relevante e à importância cada vez maior da aplicação da teoria do professor Rui Chamone. Em uma atitude de compromisso e seriedade em relação à obra desse autor, os atuais responsáveis pelo grupo expõem dúvidas e confirmações acerca do assunto.

No texto *Relato de uma Experiência – Pensando a Teoria Chamoneana*, Carolina Couto da Mata (2007)⁹ expõe de forma muito clara esse reconhecimento quando busca dissecar a definição de Chamone acerca da Terapia Ocupacional.

O autor define a Terapia Ocupacional como um modo psicoterapêutico, uma abordagem crítico-laborativa das relações humanas no mundo, na cultura e na sociedade. Nessa abordagem estão envolvidos cinco elementos: o terapeuta, o paciente, os materiais, as ferramentas e os objetos concretos. Com os materiais e as ferramentas, o sujeito-cliente constrói objetos concretos. Encontrar-se com os materiais é estar frente a frente com o mundo e ser humanizado. Com o auxílio das ferramentas, busca-se dominar melhor a concretude bruta desse mundo a ser construído. Envolver-se nesse processo é colocar-se diante de um espelho, onde encontra um outro eu, que me permite saber de si e das suas relações.

O sujeito que se torna um cliente pela perda da capacidade de lutar pelo que acredita busca outro sujeito, o terapeuta, para ajudá-lo. O terapeuta, então, lhe proporciona a oportunidade de resgatar a capacidade de lutar em prol de si mesmo.⁹

Da Mata (2007) fundamenta a afirmação de Chamone, o qual concebe “a utilização do processo natural do homem em obter conhecimento para tratá-lo”.⁹ A autora afirma que Chamone legitima a Epistemologia* e a Ontologia** para a compreensão do sujeito e de como o conhecemos. Chamone norteou todo o seu trabalho na concepção sistematizada por Hegel,^{***}

*Epistemologia: disciplina filosófica que estuda a construção do conhecimento científico.

**Ontologia: disciplina que se refere à compreensão da definição de homem.

***Hegel (1970-1831): filósofo, principal expoente do idealismo alemão.

utilizando as teorias relevantes ao entendimento do sujeito e o seu fazer em forma e conceitos socialista-filosóficos.

Ainda no artigo de Da Mata (2007),⁹ segundo Hegel, o homem é um ser em movimento. Sua evolução como espécie trouxe o rompimento da unicidade sujeito-natureza, com a percepção humana da própria consciência. O homem sabe do seu próprio saber, é um ser da natureza, mas dela se difere e, no encontro com o mundo físico, cria formas simbólicas, confere ao mundo natural significação humana, transforma a face da terra e constrói uma nova história.

Além disso, o homem é mais do que aquilo que seu corpo sente e sua cabeça pensa. O homem é o único ser que se questiona e busca sentido para a própria existência. Ele percebe o tempo, prevê as suas necessidades, fabrica e explica. Nesse movimento, conhece o passado, o presente e se prepara para o futuro. Chamone (1995) considera que o "homem é mente-corpo-espírito e obtém conhecimentos do que faz, do que explica e do que conclui como fundamentos dos dois conhecimentos anteriores".¹⁰

Hegel propõe que para se responder à indagação "o que é o homem?" precisamos buscar os movimentos que esse sujeito faz nos níveis de sua realidade, para tornar-se um homem consciente e dono de si, na relação com o mundo natural, com a cultura e com a história.¹⁰

Segundo Da Mata (2007)⁹, Chamone, inspirado em Hegel, considera humanizador conhecer os aspectos que envolvem o fazer humano. Por isso, propõe o estudo das mediações nas relações humanas para a compreensão do processo de construção do conhecimento, fortalecendo os recursos e a relação terapeuta *versus* paciente *versus* atividade no processo terapêutico.

Essa abordagem é fundamental para compreendermos que a natureza ativa, própria do homem, o faz se tornar um ser em evolução constante que transforma o mundo e refaz a história. A teoria de Chamone propõe, então, que admitamos a transformação do sujeito, assim como o uso da atividade como meio mobilizador e com um fim em si mesma.

Na entrevista concedida, em 1988 a estudantes de Terapia Ocupacional do Rio de Janeiro, publicada nos cadernos do GES.TO, o professor é eloquente quando expõe sua ideia sobre o homem, sua consciência e o seu fazer. Segundo ele:

Eu sou aquilo que faço, que penso. Do que penso, faço um objeto, seja verbal, mental, plástico, e o coloco à minha própria crítica e a de terceiros. Eu acabei de fazer uma redução drástica do que pensa Hegel quanto à origem da consciência humana. As mãos geram consciência à medida que, através delas, você consegue plasmar, no mundo externo, aquilo que lhe é interior.⁹

No entanto, não fica aí o seu pensamento. Ele declara nessa entrevista que o que se conhece de um sujeito é o próprio sujeito. É célebre a sua frase de que "o homem é a tradução do seu sentir e pensar".

Da Mata (2007)⁹ de proteção do contudente em

Procuraremos Chamone, facilitador Psiquiátrico – A sua trajetória de sem um profurologos e outros

Então, recorrendo de um inconsciente externos, que mais internos. tados, *in loco*, fim em si mesmo mundo e, port

Até aqui pro to de Chamone materiais e fer um significado

Importante apenas no pro rapeuta, paçie estão bem def e atua com os tuação dos sín leitura do pro terapeuta ocu *versus* pacien

Da Mata (2007)⁹ destaca as dúvidas de muitos, quando enfoca o processo de proteção do cliente quanto ao que este não quer mostrar. O professor é contundente em sua resposta, como era na vida e naquilo que acreditava.

Isso não tem a menor importância! Esqueça isso! O que se conhece é o indivíduo. Veja, como é que se tem consciência? Eu tenho consciência a partir do que eu penso de mim. Do que eu penso, eu faço o objeto, que exponho à minha crítica e à do outro. É isso o que importa, pois o sujeito conhece o que não quer mostrar (sua própria doença) e deve ter esse direito, mas isso não anula as afirmações feitas. O que se vê no objeto do indivíduo é o próprio indivíduo, isso se conteúdo e forma forem sinônimos. Sou o que faço, o que faço sou eu. É isso que você vai observar. Se a relação foi montada no desejo do paciente e na sua intenção, tudo o que ele fizer será ele. Se a relação foi montada em cima do desejo do terapeuta, tudo o que o paciente fizer dirá respeito ao terapeuta e à qualidade de sua relação com o mesmo.⁹

Procuraremos sintetizar, na medida do possível, a teoria construída por Chamone, facilitando o seu entendimento. Em seu livro *Terapia Ocupacional Psiquiátrica – Aperfeiçoamento*,¹¹ publicado em 1984, o autor expõe toda a sua trajetória de pesquisa, pois não é possível a formulação de tal abordagem sem um profundo conhecimento do homem, comentado por filósofos, sociólogos e outros estudiosos.

Então, reconhecemos o sujeito como um ser em ação no mundo, dotado de um inconsciente, que se expõe no momento em que manipula materiais externos, que traduzem o seu mundo interno, trazem à tona seus aspectos mais internos. Todos os seus aspectos mais interiores e íntimos são constatados, *in loco*, pela ação da Terapia Ocupacional, no uso da atividade como fim em si mesma, de uma forma crítico-laborativa das relações humanas no mundo e, portanto, de modo psicoterapêutico.

Até aqui procuramos descrever os aspectos mais importantes do pensamento de Chamone e das vertentes de sua teoria. Não perdemos de vista o uso de materiais e ferramentas, elementos básicos que compõem essa teoria e têm um significado importante no processo metodológico desenvolvido neste livro.

Importante citar, também, o processo da tríade terapêutica, que existe apenas no processo da Terapia Ocupacional, composta pelos elementos: terapeuta, paciente e atividade. As atribuições de cada elemento dessa tríade estão bem definidas e distribuídas. O terapeuta assume o papel de mediador e atua com os significantes/significados do cliente na identificação e conceitualização dos símbolos plasmados durante as sessões terapêuticas, em forma de leitura do produto. Reafirma, assim, a importância do papel de mediador do terapeuta ocupacional durante o desenrolar do processo da relação terapeuta *versus* paciente e paciente *versus* atividade.

Conhecer e entender as especificidades do objeto concreto tem um valor significativo para o aprendizado, para a aplicação e para o entendimento do que é a Terapia Ocupacional proposta por Chamone.

Até aqui o objetivo foi esclarecer a ideia central da relação terapêutica ocupacional. Agora, vamos discorrer sobre os outros elementos, tão importantes quanto esses.

Materiais

Acompanhando a teoria de Chamone, o material está sempre presente no processo de transformação do cliente, pois é a matéria-prima para a construção do objeto concreto. No material é plasmado e gravado o que o cliente pensa de si mesmo.

Nessa perspectiva, Vazquez (1977)³ traz com muita proeminência os aspectos da teoria marxista, comungados pelo professor, quanto às concepções de matéria-prima. Marx propõe que o sujeito que transforma a matéria-prima bruta está, na verdade, transformando o mundo. E que esse potencial equacionaria a sociedade de maneira mais justa e com complexos processos de trocas e mais-valias ao material transformado e agora útil ao sujeito. É com muita propriedade que ele demonstra como os materiais influenciam em todo aspecto humano modificando comportamentos e costumes.

Para Ostrower (1984),¹² o homem dotado de condições naturais experimenta e traduz todo o seu potencial na transformação de materiais brutos.

Na teoria de Chamone, existem dois tipos de materiais. Um é externo, concreto, rude, grosseiro; o outro é denominado material interno, abstrato, decorrente da capacidade de construir-se a si, ao mundo, e de explicar as relações entre ambos.

Os materiais externos exercem importante papel na relação terapêutica ocupacional quanto aos sentimentos que traduzem o material interno, que emerge tanto no cliente quanto no terapeuta. As significações que recebem de um e de outro são os mediadores iniciais da relação terapêutica.

Deixamos para falar sobre materiais mais adiante, quando abordarmos a análise de material no decorrer desta obra.

Ferramentas

Sabe-se que a melhor ferramenta que se tem é o próprio corpo, ótima para reproduzir-se e manter-se. Sabe-se também que o homem é o animal com mais longa infância, de maior dependência e fragilidade. Então, antes de serem vistas como uma criação alheia ao corpo e às suas necessidades, as ferramentas precisam ser compreendidas como uma extensão para aprimoramento e especialização do mesmo.

Os estudos sobre ferramentas também se estendem à Filosofia e aos estudos do desenvolvimento e da função da arte.

De acordo com Chamone, a ferramenta é uma extensão do corpo, colocada entre si e o mundo.

Fischer (1984) afirma que a ferramenta pode ser trocada, mas a necessidade que teve origem a ela permanece.

Desse modo, a ferramenta é uma extensão dos dedos na escrita, a alavanca na engenharia, engrossa a pena na pintura, a imaginação.

Também a ferramenta é uma extensão do mundo interior, do corpo, da necessidade.

A ferramenta é uma extensão do corpo, nomeadamente do corpo humano. Chamone (1994) discute este tópico no processo terapêutico.

Paciente e Terapeuta

Sem cliente e terapeuta, não há o assunto, Chamone (1994) discorre sobre a relação entre eles como essa.

Define assim:

Para Chamone, o terapeuta é um instrumento e influencia o cliente. Chamone discorre sobre a relação entre o terapeuta e o cliente, abordando as necessidades relacionadas ao cliente.

Além disso, o cliente e o terapeuta são influenciados mutuamente.

eto tem um valor
entendimento do

o terapêutica ocu-
, tão importantes

mpre presente no
ia para a constru-
o que o cliente

eminência os as-
to às concepções
a a matéria-prima
e potencial equa-
xos processos de
ao sujeito. É com
uenciam em todo

s naturais experi-
ateriais brutos.

s. Um é externo,
interno, abstrato,
e de explicar as

lação terapêutica
erial interno, que
ões que recebem
pêutica.

do abordarmos a

co, ótima para re-
animal com mais
, antes de serem
des, as ferramen-
aprimoramento e

osofia e aos estu-

De acordo com Fischer (1983),⁵ o homem se tornou homem em função desses instrumentos, fazendo-se e produzindo-se a si mesmo. O autor define ferramenta como uma coisa ou um complexo de coisas que o trabalhador coloca entre si e a matéria sobre a qual ele exerce seu trabalho.

Fischer (1983) afirma que a ferramenta utilizada, exterior ao organismo, pode ser trocada por outras mais eficazes, mas que, em toda sua extensão, teve origem a partir da necessidade do sujeito e reflete seu próprio caráter.

Desse modo é que o carvão, e por extensão a caneta, especializa as pontas dos dedos na escrita. A faca e o garfo especializam os dentes. A enxada alonga a alavanca que é o braço. O sapato especializa a sola dos pés. A roupa engrossa a pele frágil e carente de pelos. A astronave concretiza as asas da imaginação.

Também aqui o que se vê no mundo externo foi conhecido, anteriormente, no mundo interno. O homem não cria ferramentas inúteis e diferentes de seu corpo, necessidades e fantasias, pois estas são as medidas do mundo.

A ferramenta externa é a imagem concreta daquilo que se percebe internamente do corpo. O que está fora é igual ao que está dentro.¹ É assim que Chamone (1990) contribui para o entendimento das ferramentas, relevante tópico no processo de desenvolvimento do raciocínio terapêutico ocupacional.

Paciente e Terapeuta

Sem cliente e terapeuta, os processos não aconteceriam. Pela importância do assunto, Chamone (1988) escreveu o livro *A Relação Terapeuta-Paciente*,⁸ que discorre sobre a formação dessa relação e de tudo que envolve uma ligação como essa.

Define assim esse encontro:

À medida que o encontro terapêutico é uma relação homem-homem, quando a simples presença de um altera o comportamento do outro, podemos definir a relação Terapeuta x Paciente como sendo um encontro que busca o homem, quando assim o desejar, primeiro para si, antes que para a sociedade, e que se passa dentro de um espaço próprio, [...].⁸

Para Chamone (1988), essa relação dá início a uma série de situações pertinentes e influentes durante toda a instalação do processo. Em seu livro, discorre sobre a empatia do primeiro momento da entrevista paciente *versus* terapeuta significativa para ambos e também sobre a conformação do *setting*, abordando aspectos éticos, como segurança interna e segurança externa, relacionados ao grau de confiança estabelecido na relação.

Além disso, faz relatos pertinentes ao processo em si, pelo qual passam o cliente e também o terapeuta, quando destaca a angústia vivida no tratamen-

to, na instalação da empatia, significativa para ambos. Relata ainda sobre a simpatia e o papel de neutralidade do terapeuta.

Outro aspecto relevante da abordagem é sobre a relação de transferência e contratransferência e sua importância nesse processo.

Esse assunto se estende ao processo terapêutico ocupacional instalado que Chamone chamou de tríade: terapeuta *versus* paciente *versus* atividade. O professor traz estudos importantes para a compreensão desses aspectos, explicando como ocorre o estabelecimento de cada etapa e discorrendo sobre a situação ímpar desse tipo triangular de relação que só acontece na Terapia Ocupacional.

O autor ainda situa as mediações ocorridas na relação terapêutica ocupacional em três instâncias. A primeira, que conceitua de abstrata, ocorre do cliente para a atividade, instalando-se no momento da escolha dos materiais e das ferramentas. A segunda, chamada de concreta, se desenrola entre cliente e terapeuta, durante o processo de empatia e simpatia. E a terceira e última, a transcendental, se instala no momento final do produto entre cliente e objeto concreto. Aqui, o cliente percebe, de modo crítico-laborativo, que algo existe.

Chamone denomina essa relação triangular de pirâmide, a qual estabelece o vínculo de identificação do sujeito com a atividade, materializado pela ação e traduzindo o objeto concreto. O objeto concreto conta com a participação ativa do sujeito no processo de leitura, significando, assim, suas individualidades. Proporciona ao sujeito um encontro com o seu fazer, o qual o retrata.

Objeto Concreto

O objeto concreto construído a partir dos materiais e com a utilização das ferramentas é compreendido como o problema a ser resolvido.

O substantivo objeto vem da palavra latina *objectum*, *us* – substantivo masculino que no sentido próprio significa ação de pôr adiante; no sentido figurado, traduz-se por propor, expor; e no sentido passivo significa oferecer-se, apresentar-se. E mais, o substantivo latino *objectus* é a tradução da palavra grega, problema, ou seja, aquilo que está colocado diante de quem olha, o que opõe obstáculos. E o problema em vernáculo significa: no que nos interessa, questão não solvida, o objeto de discussão em qualquer domínio do conhecimento.¹

A literatura sobre a importância da arte e sua função fala sobre a evolução, que os autores chamam de experiência da construção dos produtos finais e do processo vivido pelo sujeito.

Diferentemente dos animais, o homem planeja, “pensa” e depois executa. Esse planejamento é o que poderíamos chamar de ideia, e seu produto final seria o resultado de todo um conjunto de ideias, planos, execução e habilidade.

Esse processo é realizado em um concreto.

Ferramenta Media a relação consigo mesmo, uma concretude de conciliar, e reflete a especificidade da natureza perante um e conhecer-se e diferente do que

Considerações

Neste capítulo de Chamone é importante e relevante uma vez que uma trajetória de R

Podemos, as Atividades definidas atividade como cedores de sua car melhor e d

Referências

1. Chamone R. GES.TO; 199
2. Read H. A
3. Vazquez AS
4. Chamone R. zonte: GES.
5. Fischer E. A
6. Ferrari MAC 2(4):216-9.
7. Ferreira AB
8. Chamone R. GES.TO; 19
9. Mata CC. R na. Caderno

ata ainda sobre a

o de transferência

onal instalado que
ersus atividade. O
esses aspectos, ex-
discorrendo sobre
ontece na Terapia

erapêutica ocupa-
ostrata, ocorre do
ha dos materiais e
nrola entre cliente
terceira e última, a
re cliente e objeto
o, que algo existe.
, a qual estabelece
ializado pela ação
om a participação
1, suas individuali-
r, o qual o retrata.

n a utilização das
ido.

. us – substantivo
diante; no sentido
significa oferecer-
adução da palavra
e de quem olha, o
i: no que nos inte-
alquer domínio do

a sobre a evolução,
s produtos finais e

sa” e depois exe-
leia, e seu produto
planos, execução

Esse processo, transportado para a ciência, com um resultado final, realizado em um *setting* terapêutico, foi denominado por Chamone de *objeto concreto*.

Ferramenta e material são utilizados na construção do objeto concreto. Mediam a relação terapeuta *versus* cliente e também a relação do sujeito consigo mesmo. Por meio do material, o sujeito se encontra com o mundo: uma concretude bruta a ser humanizada, que oferece a ele a possibilidade de conciliar, em um objeto concreto, potencialidades e limites. A ferramenta reflete a especialização do corpo humano, em que o sujeito se submete às leis da natureza para melhor dominá-la. Construir o objeto concreto é colocar-se diante de um espelho. É ver-se a si mesmo como o outro e, nesse movimento, conhecer-se e modificar-se. Colocar-se como o outro para tornar-se, de fato, diferente do que se é.¹

Considerações Finais

Neste capítulo foi dada a oportunidade de se entrar em contato com a teoria de Chamone para melhor compreender os conceitos nela envolvidos. Foi importante e necessário fazer essa viagem pelos caminhos desse conhecimento, uma vez que utilizamos muitos conceitos que fundamentam a base da teoria, trajetória de Rui Chamone.

Podemos, assim, fundamentar o desenvolvimento da Teoria da Análise de Atividades definida como o raciocínio da Terapia Ocupacional, especificar a atividade como objeto da profissão, repassar conceitos definidores e esclarecedores de sua utilização, como materiais e ferramentas, bem como especificar melhor e de maneira histórica o conceito de objeto concreto.

Referências

1. Chamone RJ. O objeto e a especificidade da terapia ocupacional. Belo Horizonte: GES.TO; 1990.
2. Read H. A arte de agora, agora. São Paulo: Perspectiva; 1981.
3. Vazquez AS. Filosofia da práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1977.
4. Chamone RJ. Museu didático de imagens livres. Mostra corpo grupal. Belo Horizonte: GES.TO; 1977.
5. Fischer E. A necessidade da arte. Rio de Janeiro: Zahar; 1983.
6. Ferrari MAC. Kielhofner e o modelo de ocupação humana. Rev Ter Ocup. 1990; 2(4):216-9.
7. Ferreira ABH. Novo Dicionário Aurélio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2000.
8. Chamone RJ. A relação terapeuta-paciente – Notas introdutórias. Belo Horizonte: GES.TO; 1988.
9. Mata CC. Relato de uma experiência – Pensando a terapia ocupacional Chamoneana. Cadernos de terapia ocupacional. Belo Horizonte: GES.TO; 2004.

10. Chamone RJ. Psicoterapia ocupacional – História de um desenvolvimento. Belo Horizonte: GES.TO; 1995.
11. Chamone RJ. Terapia ocupacional psiquiátrica – Aperfeiçoamento. Belo Horizonte: Fumarc/PUC-MG; 1984.
12. Ostrower F. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes; 1984.

Análise Compr

Introdução

Conceitualmen-
gatório de uma
também a conc
ta *versus* ativida
ao sujeito sua
entre o sujeito
reflita em *insig*

Esse proces
meio da elabo
mesmo. O suje
movimentos, se
vontade e a libe

Dessa mane
compatíveis co
expressão.

A partir daq
fim, a condiçã

Partindo do
específico, dura
objetivo estabe
cedimento irá c
no próprio suje

Para o proce
ocupacional se